Carxs alunxs, como estão? Espero que estejam bem e com saúde. Começo desculpando-me pela demora em responder. Diferentemente de nossa vontade e do que achávamos que seria possível, a reposição presencial das aulas se dilui no horizonte. Vamos ter de encontrar uma solução dentro das possibilidades digitais que nos são dadas, ainda que, mesmo com o kit de internet, sabemos que as condições não são as melhores e muitas vezes sequer as suficientes. Resisti um pouco a essa possibilidade por uma arraigada aversão à internet, especialmente à forma de organização dos programas que a sustentam, a uma pura e simples dificuldade tecnológica.

A partir de agora vou começar a gravar aulas e/ou escrever textos na sequência dos tópicos do curso que apresentamos no programa como uma forma de apoio à leitura da bibliografia básica do curso. Todos sabemos que se trata de uma situação excepcional e ainda que a nossa matéria seja uma optativa e vcs estejam mais habituados com a leitura, será considerada essa situação e esperamos chegar a um bom termo.

A ideia, portanto, é manter o trabalho como proposto no programa, o que exige a leitura comparativa de ao menos dois textos. As aulas disponibilizadas tentarão ajudar na escolha e na compreensão deles. Há toda uma base de leituras que são estruturais na nossa graduação e que, creio, não vão requerer tanto cuidado de nossa parte. Como disse na última aula e como consta na forma final do programa, vou me ater mais aos textos que vcs comumente têm menos conhecimento.

Como são mais de 200 alunos matriculados nas quatro salas da disciplina, não vai ser fácil responder a todas as dúvidas, mas usaremos o google meet para tanto. Tomara que funcione! A ideia é que vcs leiam os textos, ouçam as aulas e nos encontremos para tirar dúvidas

Fico assim aberto a todas e quaisquer sugestões para seguirmos à distância esse curso e saibam que a especificidade da situação será levada em conta e tentaremos contornar toda e qualquer dificuldade que individualmente cada um de vcs esteja enfrentando. Confesso que para mim mesmo não está fácil redimensionar minhas atividades para essas novas rotinas e para esses novos formatos, sobretudo pela necessidade inicial de compreender a pandemia na situação política caótica, para dizer o mínimo, em que nos encontramos.

De minha parte, agi em duas frentes. A primeira delas foi situar o nosso curso em relação à pandemia. Como a relação entre literatura e biologia estava no nosso horizonte, especialmente o livro de Laura Otis sobre as “Membranas” que comentei na primeira aula, procurei enteder como a ideia de célula como uma estrutura de proteção é uma metáfora potente para enteder a formação de um Estado Nacional. Assim como a célula deve se defender de seus inimigos, como o vírus, o indívíduo deve defender a sua propriedade e o Estado deve se defender de seus inimigos externos que representam uma ameaça à sua integridade. Aliás, a prórpia emergência histórica de indivíduo é contemporânea de uma teoria robusta das células que aconteceu na primeira metade do século XIX, embora ela tenha sido descoberta já no século XVII. A membrana seria assim uma camada de proteção, como uma fronteira. Um fronteira que precisa ser defendida assim como o corpo precisa ser defendido pelo sistema imunológico, assim como as fronteiras de um país precisam ser protegidas por um exército. Defesa da célula, defesa do indivíduo, defesa do Estado se mesclam por um fluxo metafórico no qual a guerra ocupa um lugar central. Como explicar Peter Naccarato a respeito do livro de Otis, a metáfora das fronteiras calcadas em investigações científicas atravessa os debates individuais e políticos para alcançar as diferenças entre as classes. as estruturas de organização política e a identidade nacional.

Curiosamente é na virada do século XVIII ao XIX que começa a se acirrar a postulação da obra de arte como um todo orgânico dotado de autonomia que estaria constantemente em defesa de tudo aquilo que não é ele mesmo: nem os outros (afastados pela distância da produção escrita e pelo afastamento do escritor agora isolado ou, no limite, maldito), nem a religião (o regime de imaginação na Europa se emancipa, em boa medida se paganiza e, mais uma vez no limite, profana) nem ingerências governamentais (estabelece os seus próprios valores ainda que a mão invisível do mercado se faça sentir aqui). Também é nessa passagem do XVIII ao XIX que vemos surgir algo como a crítica literária que começa a se autonomizar da estética e da filosofia para a configuração de um lugar no espaço público de defesa e seleção das produções do mundo da literatura.

Embora bastante simplificada a apresentação desse problema, não deixa de ser interessante notar com Laura Otis o quanto a ideia de célula e indivíduo, desdobrada em indivíduo e sociedade e sociedades em um contexto internacional, tem no seu interior a construção da fronteira de uma literatura nacional realizada em língua nacional e fortemente ligada, desculpem-me a redundância, à formação de Estados Nacionais. Não há dúvida de que esse problema é constitutivo e conhecido, tanto quanto os seus infinitos matizes que não entraremos aqui, mas o que gostaríamos de ressaltar é a dificuldade de formulação da ideia de fronteira que aí se articula e a importância, especialmente em países colonizados, de se encontrar a identidade nacional ainda que sob o paradoxo de trabalhar uma instituição, a literatura, formulada em solo europeu. Guardemos aqui que a ideia de fronteira, de unidade linguística, de uma (ainda que paradoxal) autonomia literária, de identidade reforçam uma visão do corpo (físico, individual ou coletivo) como constituído por barreiras de proteção, pela formação de um movimento próprio como se toda influência externa fosse um perigo a ser evitado, escamoteado ou, para dizer o mínimo, servir como modelo a ser recusado para que a sua própria função como modelo possa ser superada.

Como dissemos, a complexidade desse problema, ainda que apenas contornada, não deixa de estampar um rastro da separação do corpo, do indivíduo, da sociedade e da fantasia de um gênio capaz de atravessar as tormentas para encontrar uma essência comum a todas essas esferas. Do ponto de vista da colonização esse drama, ou melhor, esse trauma é aquele tão bem descrito por Paulo Emílio Salles Gomes: “a penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não-ser e o ser outro”[[1]](#footnote-1): ou nos transformamos no outro à sua imagem e semelhança e nos dobramos aos seus interesses ou estamos fadados a sermos destruídos. Sem entrar na complexa formulação desse “nós”, é como se diante da violência da colonização estivéssemos sempre a beira de perder a nossa integridade e identidade no contato com o outro, esse grande Outro que nos impõe as mais sangrentas derrotas, como se esse outro fosse um vírus diante do qual somos “nós ou eles” ou os “matamos ou eles nos matam” e entre esses extremos, o ar rarefeito da dialética onde ainda poderíamos respirar.

E, de fato, a metáfora do vírus, não é tão metafórica aqui pois, como sabemos, juntos com os portugueses e seus único Deus invisível, vieram uma miríade de seres, de sementes, de semens, de genes, de animais e de microorganismos que foram responsáveis pela maior genocídio biológico que conhecemos. *Um virus que chega com as caravelas nos bairros chiques de Sâo Paulo para transformar a sua festa em um luto na periferia, simbolicamente marcada pela primeira morte de covid-19: uma funcionária que cuidava de uma rica senhora que voltara da Itália*. Como se sabe, não era incomum que os colonizadores trouxessem deliberadamente roupas de infectados europeus para alastrar as moléstias nas terras colonizadas como enfatiza Silviano Santiago. Esses microorganismos fazem parte da nosse a história, são, aliás, talvez a mola propulsora da empreitada colonial, dizimando pessoas, reproduzindo animais e plantas para consumo exterior, matando toda e qualquer biodiversidade (que se torna uma inimiga) e ainda invertendo o sinal e culpando os colonizados pelas moléstias tropicais levadas para a Europa. O tráfico de genes e seus intermináveis, consentidos ou não, estupros. Enfim, o tráfico de pessoas cuja única função como propriedade é, no limite, reproduzir a própria força de trabalho dos corpos escravizados.*Todo camburão, toda falta de ambulância, todo silêncio das sirenes, toda ausência de UTI tem um pouco de navio negreiro* A necropolítica da indústria colonial é uma indústria biotecnológica desde os seus primórdios.

Tenho para mim que o crescente lugar da arte na Europa está diretamente ligado à “ausente de todos os buquês”, a própria natureza que se esconde no processo civilizatório das grandes cidades. O que gera uma atração incontrolável pela natureza selvagem dos trópicos, desde que mediada por um regime de imagens que a afasta de tudo que é ela mesma: seu cheiro, suas dores, suas doenças, sua destruição e a própria destruição produzida pelos europeus. A natureza passa a ser cultuada como paisagem, como espaço no qual nossa espécie é uma exceção natural dessa mesma natureza, um ponto de vista exterior ao próprio mundo que nos constitui em nossa magnânima exterioridade, como Deus. Como o grande naturalista Humbold subindo no monte Chimborazo para contemplar a interconexão de toda a natureza, embora não descreva como fazendo parte de “toda a natureza” a comitiva indígena que o acompanhou até lá. Essa mesma “natureza”é a parte decaída do processo colonial que sustentamos, embora seja ela, paradoxalmente – *Gigante pela própria natureza* – que garante com os nossos corpos a singularidade que nos define. A paisagem não mostra os germes, as sementes, os genes que a destróem. Estamos ali para contemplar o que não existirá mais. Toda paisagem é uma ruína. Como *o Brasil está em construção e já é ruina*, não temos outra saída senão propor um outro paradigma civilizacional. Essa a grandiosidade do *Catatau* de Leminki: o que teria acontecido se tivéssemos criado as nossas próprias formas de racionalidade?

Mas ficamos condenados a sermos sentimentos para não sermos destruídos pela razão alheia, a esquecer os nossos dialetos para sobrevivermos na língua dos outro, a sermos oralidade para não sermos desstruídos pela escrita do colonizador. Dos muitos vírus deixados pelos europeus creio que esse é o dos menos reconhecíveis por mais metafórica que seja essa metáfora. Um vírus entra em uma célula e deixa seu material genético para que a própria célula passe a reproduzi-lo mesmo que isso implique na sua própria destruição. A célula, curiosamente, nem sempre percebe que esse outro é um outro. O corpo está cheio de outridades. Tanto assim que o sistema imunológico tem como mote destruir a tudo que vê pela frente, com a dificuldade de excluir a si mesmo dessa destruição. Difícil tarefa. Nós resistimos muito à língua do outro e a atravessamos com gestos, ritmos e vocábulos de ameríndios e afrobrasileiros, resistimos à escrita, mas essa resistência criava um sociedade de privilègios infinitos para aqueles que se curvavam aos seus caprichos. A escrita garantia a propriedade contra a posse. A escrita deixa o seu código, suas regras de transcrição, para a sua reprodução em um corpo. Como mostra Cornejo Polar na sua brilhante análise do “diálogo” de Cajamarca, quando o espanhol Pizzaro assedia o chefe indígena Atahualpa propondo a aceitação da bíblia para a constituição de um pacto, ele diz: “Recebe este livro como a tua lei”, mas, diante da recusa do chefe indígena, estranhando aquele objeto, o pacto se torna um decreto de morte. Nós entramos com o corpo-natureza e eles com o código que nos cabe apenas reproduzir ou morrer.

Não é por outra razão que o ambíguo vitalismo **de Sérgio Buarque de Holanda** ao buscar as raízes e seu complexo jogo metafórico, desconfiava dos códigos, da panacéia da construção, dos mecanismos postiços, das regras. O processo colonial deixava uma miríade de vírus, de códigos de reprodução que impediam as forças espontâneas do corpo, os fluxos vitais do nosso ritmo. E mais, deixava no fundo da terra raízes profundas que o descompasso desses códigos produziram, escondida sob o enxerto mal ajambrado, nossa contribuição aos tipos sociais, o homem cordial. *A maior semelhança entre o vírus e nosso presidente é que em ambos os casos trata-se de um ser de menor complexidade que tenta colocar em xeque as dinâmicas complexas da sociedade*. Um resto humano do processo que se marca pelo pivoteamento constante de suas emoções que se tornam ora afáveis, ora violentas, mas sempre colocando em suspenso a lei que ela deveria garantir*. “Vírus desgraçado que veio atrapalhar o grande momento da minha vida como presidente”*. Vivemos assim entre dois desastres: o pivoteamente dos afetos e suas idiossincrasias e o desejo autoritário incontrolável de uma determinação unívoca que garanta a nossa entrada no mundo como civilizados. Trata-se de um duplo pivoteamento: pivoteamos entre o pivoteamento e a ordem, o carnaval e a quartelada de um lado e o desejo de ordem de outro. *Que se juntam em uma dança macabra nos ecos do regime civil-militar de 1964 na figura de Bolsonaro*. É possível ler Sérgio Buarque para além de seus passeios ideológicas como esse espaço de abertura para uma outra forma de vida, nossa, que delinei co-ongenitamente o afeto e a forma, uma questão poética e política, um espaço de relação (ou um processo civilizatório) que parta de um outro de nós mesmos, do nosso próprio estranhamento desentranhado de nossa raízes, de nossas plantas estranhas e de nossas entranhas.

1. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. São Paulo. Paz e terra, 1996, p.90 [↑](#footnote-ref-1)